



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

VICENTE MAXIM DA SILVA ARAÚJO

**DIFICULDADES E POTENCIALIDADES: O ENSINO MÉDIO DE JOVENS E
ADULTOS (EJA) DA ESCOLA ESTADUAL JOSÉ BAPTISTA DE MELLO**

João Pessoa (PB)
2017

VICENTE MAXIM DA SILVA ARAÚJO

**DIFICULDADES E POTENCIALIDADES: O ENSINO MÉDIO DE
JOVENS E ADULTOS (EJA) DA ESCOLA ESTADUAL JOSÉ
BAPTISTA DE MELLO**

Monografia apresentada no Curso de Especialização, Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^a Dr^a Nerize Laurentino Ramos

João Pessoa (PB)
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A663d Araujo, Vicente Maxim da Silva

Dificuldades e potencialidades [manuscrito] : o ensino médio de jovens e adultos (EJA) da Escola Estadual João Baptista de Mello / Vicente Maxim da Silva Araujo. - 2017.

45 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2017.

"Orientação: Profa. Dra. Nerize Laurentino Ramos, PROEAD".

1.Educação de Jovens e Adultos. 2.Ensino Médio. 3. Narrativas. I. Título.

21. ed. CDD 370.1

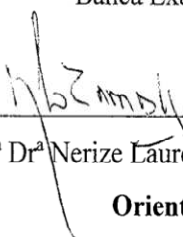
VICENTE MAXIM DA SILVA ARAÚJO

**DIFICULDADES E POTENCIALIDADES: O ENSINO MÉDIO DE
JOVENS E ADULTOS (EJA) DA ESCOLA ESTADUAL JOSÉ
BAPTISTA DE MELLO.**

Monografia apresentada no Curso de Especialização,
Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em
convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da
Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau
de especialista.

Aprovada em:29/11/2014.

Banca Examinadora

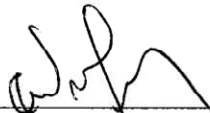


Profª Drª Nerize Laurentino Ramos(UEPB)

Orientadora



Profª Drª Soraia Carvalho de Souza (UEPB)



Prof. Dr. Carlos Nunes Guimarães (UEPB)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Francisco Araújo da Silva e Maria Socorro da Silva, pelos ensinamentos que fizeram de mim uma pessoa honrada.

A minha esposa, Ana Paula Soares, por sempre acreditar em meu potencial e pela sua ajuda nas horas difíceis.

AGRADECIMENTOS

Aos Coordenadores do Curso de Especialização Ricardo Soares e Francisco Jaime Bezerra Mendonça, Pólo de João Pessoa, pela dedicação.

À professora Nerize Laurentino Ramos, pela ajuda para que eu pudesse concluir meu trabalho.

À minha esposa Ana Paula Soares, a meu filho Vitor Manuel Soares Araújo e a minha filha Ana Heloise Soares Araújo pela paciência nas horas dos meus estresses.

À minha mãe Maria Socorro da Silva, embora morando distante, nunca se esquece de mim nas suas orações.

A meu pai Francisco Araújo da Silva, homem honrado e de bem, obrigado pelos ensinamentos.

Aos meus professores do Curso de Especialização da UEPB, em especial a Nerize Laurentino Ramos, que contribuíram muito com as aulas ministradas e os novos conhecimentos, que passo a aplicar em sala de aula.

Aos colegas de classe pelos momentos de estudo, apoio e descontração.

Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que os sujeitos do ato de conhecer (educador - educando; educando - educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizandos, assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem (FREIRE, 2002, p. 58).

RESUMO

O presente trabalho aborda o ensino noturno da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Baptista de Mello. Com este esforço, buscamos identificar através da observação direta os aspectos positivos e negativos do processo de ensino nessa escola. Procuramos brevemente retratar a história da EJA no Brasil, artigos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação que tratam o tema e, ainda, as dificuldades enfrentadas por aqueles alunos que, após um longo período afastado da sala de aula, decidiram voltar a estudar. Em seguida, trabalhamos com as narrativas de alunos/ex-alunos e professores: suas percepções sobre a sua história, o ensino, a escola e o futuro. Os alunos apresentaram as dificuldades que os levaram a deixar seus estudos em segundo plano e, todos os esforços de retorno, valorizando as suas potencialidades e a oportunidade dada pela EJA. Neste contexto, conseguiram avançar em seus estudos, investir na continuidade dos mesmos e sonhar com o futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Ensino Médio. Narrativas.

ABSTRACT

This research presents evening teaching process to education for teens and adults in José Baptista de Mello's school in João Pessoa, Paraíba. Thus, it aims to identify positive and negative aspects from the learning process at school through direct observations. It deals with education history of teens and adults in Brazil, some articles related to Law of directives and bases of national education, and also some difficulties faced by those students that had kept distance from school, and decided to come back to study again. For this purpose, it analyses students/ex-students and teachers narratives: perceptions about their history, the teaching process, the school and their future. Even though the students presented their difficulties to stopping their studies, they made effort to come back to school, then appreciating their potentials and opportunity given by education for teens and adults. In this context, the students achieved their goals to improve more and of the future.

KEYWORDS : Education for teens and adults . High School . Narratives.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| CAPÍTULO I..... | 12 |
| 1.1 Breve histórico da educação de jovens e adultos no brasil | 13 |
| 1.2 A EJA do ponto de vista da LDB 9394/96 | 16 |
| 1.3 Principais dificuldades encontradas no ensino da EJA..... | 17 |
| CAPÍTULO II | 20 |
| AS NARRATIVAS DE ALUNOS, EX-ALUNOS E PROFISSIONAIS DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO JOSÉ BAPTISTA DE MELLO | |
| 2.1. Aluna Maria Josinete Lopes: concluinte da 3 ^a série do ensino médio da EJA da Escola José Baptista..... | 20 |
| 2.2 Narrativa de Ana Maria Gomes de Oliveira, ex-aluna da EJA, atualmente bolsista do PIBID pelo IFPB, estagiária na EEEFM José Baptista de Mello. | 28 |
| 2.3 Narrativa de Humberto B. Dantas - ex- aluno da EJA e atualmente estudante universitário | 30 |
| 2.4 Narrativa da Professora de Português da EJA, Danielle Campos A. Lima, da EEEFM José Baptista de Mello. | 31 |
| 2.5 Narrativa da Professora de Biologia da EJA, Alena Sousa, da EEEFM José Baptista de Mello. | 34 |
| 2.6 Narrativa da Professora de Geografia da EJA da EEEFM José Baptista de Mello Tania Magdala. | 35 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 37 |
| REFERÊNCIAS | 38 |
| 3.1 Tabela de aquisição do livro didático apenas para o ensino fundamental da EJA | 40 |
| 3.2 IMAGENS DA ESCOLA E DAS TURMAS | 41 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute a Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Baptista de Mello. Para isso, serão mapeadas as principais dificuldades e potencialidades deste tipo específico de ensino: os desafios e as possibilidades encontradas pelos discentes do curso noturno do ensino médio da escola.

E, para cumprir com o objetivo proposto, iremos identificar às possíveis causas que fizeram da educação formal a porta de entrada para os alunos EJA; analisar os motivos pelos quais os alunos procuram a escola para concluir o ensino médio; identificar os pontos positivos e negativos na educação de jovens, nessa instituição de ensino, tomando como base seus relatos/experiências e de profissionais da escola.

As motivações que perpassam a escolha do tema de estudo nasceram da experiência de aproximadamente 13 anos, como professor de química, nesta modalidade de ensino, e, também, do bom relacionamento profissional com os alunos da EJA na referida escola.

Quando mim propus a trabalhar tal tema foi mais pela admiração que tenho por esse público da EJA. A primeira vez que entrei numa sala de aula, como professor, mesmo não tendo ainda a licenciatura, foi no ano de 2002, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisco Gomes de Lima, localizada no Bairro Ernesto Geisel, João Pessoa, Paraíba. Era uma turma noturna da EJA. Fui surpreendido por uma sala numerosa de mais de cinquenta alunos. Fiquei apavorado. Não sabia o que fazer. Aquela turma tão heterogênea. Com idades tão variadas. E sem ninguém para mim dá uma orientação. Aos poucos, fui perdendo o medo, pois a própria turma compreendeu a minha inexperiência e tratou de me dar apoio. Era como se eles fossem o professor e eu, o aluno. Depois daquela noite, criei coragem e a cada dia fui melhorando meu trabalho e fazendo amigos. Pois era apenas um garoto diante de tantas pessoas experientes e cheias de novidades que me deixaram atraído pela profissão. Resolvi fazer o Processo Seletivo Seriado para Licenciatura em Química e deixei de lado, por um tempo, o curso de Bacharelado em Química Industrial. Terminei a minha licenciatura e estou até hoje como professor de turmas do ensino médio e numa deixei, se quer por um ano, de ensinar a turmas da EJA.

Tenho hoje, em vários lugares, pessoas amigas, que passaram um curto tempo ao meu lado aprenderam um pouco comigo e me deram grandes ensinamentos.

Queria dizer para aqueles que já concluíram e conseguiram ir mais longe que como eles imaginavam: o tempo não para, nem nós. Portanto continuem procurando sempre o melhor pra vocês. Acreditem em vocês e naqueles que acreditam em vocês. E aqueles que estão em busca de realizar seus sonhos e que vêm na EJA uma nova oportunidade, aproveitem o máximo durante esse tempo para se preparar para mais uma fase de sua vida.

Para compreensão do contexto do objeto de estudo. A Escola Estadual Professor José Baptista de Mello foi fundada no ano de 2000 e está localizada no Bairro de Mangabeira VII, município de João Pessoa (PB). A Escola conta com uma infraestrutura oscilando entre regular e boa, pois, possui oito salas de aula, biblioteca, sala de professores, secretaria, cozinha, refeitório, banheiros masculino e feminino para os alunos (as), banheiro para funcionários, sala de informática, sala de psicologia e sala para reforço. No entanto, a sala de informática não funciona, porque os computadores estão com defeitos. Observamos a ausência de um laboratório de ciências, mesmo sendo a maioria das turmas do ensino médio, e de um ginásio de esportes, o que dificulta as aulas práticas de educação física.

Esta unidade de ensino é composta por turmas de fundamental I, no turno da tarde, fundamental II e ensino médio, manhã e a noite, sendo que pela manhã funcionam o ensino fundamental e médio regulares e a noite o ensino fundamental e médio na modalidade EJA.

A escola funciona em tempo integral para o ensino fundamental, com os projetos: “Mais Educação” e “Escola Aberta”. Este último funcionando aos sábados, com várias oficinas destinadas a comunidade. Atualmente a escola conta com a parceria do Instituto Federal de Educação da Paraíba (IFPB), em conjunto com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), na disciplina de Química. A escola dispõe de kits de robótica para auxiliar nas aulas de Química, Física e Matemática.

Nos aspectos da gestão: conta com diretora e uma vice. Não possui coordenação pedagógica e nem psicólogos. A maioria dos professores é concursada, desse total, dez já possuem ou estão próximo de obter título de especialista, um é mestre e outros quatro estão

cursando o mestrado. Os professores se relacionam com as turmas de forma amigável e estão preocupados em desenvolver um trabalho de humanização e cidadania com alunos dessa escola.

Os conteúdos desenvolvidos, na EJA, levam em consideração as experiências trazidas pelo aluno, de acordo com suas possibilidades/capacidades e, também, respeitando-se as condições de cada um/a. As atividades são realizadas no horário de aula, para que todos (as) possam cumpri-las, isso, devido aos limites postos pelo horário de trabalho. Os compromissos diários, com o trabalho ou em casa, impossibilitam a dedicação das inúmeras atividades escolares, fora do espaço escolar.

A funcionária responsável pelo arquivo da escola é Maria de Fátima Andrade. Graças a ela foi possível resgatar algumas informações que foram transformados em números para indicar alguns dados sobre a quantidade de alunos matriculados, desistentes, reprovados e aprovados no ensino da EJA dessa escola. No ano de 2009 tivemos no primeiro semestre 183 alunos matriculados, desses desistiram 84 alunos (45,90%); dos que restaram: 83 foram aprovados, considerando apenas o número de alunos que ficaram até o final do semestre isso corresponde a 83,84% e o número de reprovados foram 16 que corresponde a 16,16%.

No segundo semestre de 2009 houveram apenas 54 matriculados, uma queda de mais de 65% no número de alunos matriculados em relação ao semestre 2009.1. Desses alunos matriculados 23 (42,60%) desistiram e os outros 31 (57,40%) alunos foram aprovados.

No ano de 2010 a escola matriculou, no primeiro semestre, 164 alunos, desistiram 79 alunos, 03 foram reprovados e 82 foram aprovados. No segundo semestre de 2010 foram matriculados 50 alunos, 19 desistiram, nenhum dos alunos que ficaram até o final foi reprovado, ou seja, 31 alunos aprovados.

A escola supracitada conta, no ano em curso (2014), com 700 alunos, e, na modalidade EJA: 250 alunos. A maioria cursa o ensino médio. O público do EJA se constitui no “objeto de estudo” desta monografia.

De acordo com os dados acima percebo dois problemas: o alto índice de alunos desistentes e a queda, considerável, no número de matriculados do primeiro para o segundo semestre. Pelo que consigo acompanhar no dia a dia do meu trabalho na escola o aumento

no número de desistentes é devido a problemas pessoais e profissionais desses alunos. Já a queda no número de matriculados de um semestre para outro, não há motivos claros, mas existem comentários de que muitos alunos se matriculam com o objetivo de tirar vantagens de políticas públicas que são direcionadas para aqueles que possuem vínculo com alguma escola.

O trabalho de pesquisa foi realizado através da observação direta e, também, com base na experiência de professor da EJA, nos últimos treze anos. Neste processo, buscamos estabelecer parâmetros de diálogo que articulasse a vida do aluno com a proposta da EJA. Também consideramos os relatos dos discentes para comparar a sua vida pessoal com a vida estudantil. De que forma uma contribuiu para a outra e de que maneira elas se desenvolveram.

No final deste trabalho, esperamos deixar informações válidas que possam favorecer e contribuir para o aprimoramento dos conhecimentos ministrados e a experiência de vida deste público estudantil – alunos (as) que se encontram fora da sua faixa etária de estudo

CAPÍTULO I

1.1. Breve histórico da educação de jovens e adultos no Brasil

A proposta de educação de jovens e adultos contribuiu para formar cidadãos com conhecimento para exercer a sua cidadania e buscar os seus direitos. Mas, articulado ao projeto há a necessidade da produção e formação de mão-de-obra qualificada para desempenhar as atividades necessárias ao novo sistema de mercado comandado pelas elites dominantes. Neste capítulo buscamos dar ênfase ao surgimento da EJA e o seu reconhecimento em lei. Vejamos um breve histórico desse modelo de ensino no Brasil.

A origem da educação de jovens e adultos remota ao período colonial, quando a corte portuguesa, através do trabalho dos jesuítas procurou catequizar índios e negros para exercer o domínio sobre esses povos, ora já dominado, e manter os costumes e a cultura proposta pelas camadas sociais das elites portuguesas. Nesse período não havia uma preocupação com a institucionalização da escola, porém, no período imperial¹ acompanhamos o surgimento de uma nova demanda, por parte da elite: a formação de uma sociedade urbana civilizada e a preocupação da correção da dicção por parte das classes inferiores (SOARES; GALVÃO, 2004).

A educação era específica, por idade ou sexo. Os homens recebiam orientações sobre as leis do império, do código criminal, enquanto as mulheres recebiam orientações de cálculos financeiros doméstico de prendas, noções de higiene. As aulas, institucionalizadas, para adultos tinham um caráter filantrópico e missionário, pois apesar de serem garantidas em alguns estabelecimentos determinados pelo governo (ex: escolas noturnas na capital, escolas dominicais, Casa de Detenção) podiam ser ministradas por professores, que já davam aula durante o dia, em suas casas sem ganhar nada a mais por isso.

Além da instrução formal houve, nesse período, várias experiências informais de educação de adultos. Os escravos negros, com atividades nos centros urbanos, e os escravos da igreja tiveram contato com textos e leituras orais, por brancos, que promoviam

¹ Ano 1820

a memorização e o reconhecimento posterior do texto memorizado, promovendo assim a alfabetização e o aprendizado da leitura e escrita tão necessárias para esse grupo conquistar direitos civis (SOARES; GALVÃO, 2004).

No período republicano² surge uma grande preocupação com o elevado índice de analfabetos no Brasil, cerca de 80% da população. Com isso são desenvolvidas várias iniciativas e debates para criarem metas para minimizar essa situação, porém com uma ressalva por parte das elites: com a alfabetização desses pobres cresceria a consciência das lutas pelos seus direitos. Neste contexto surge uma alfabetização voltada para a formação produtiva, chamada alfabetização moralizante.

No período do Estado Novo, na década de 30, é criado o supletivo³ sem muito sucesso, pois o governo estava mais preocupado com suas próprias lutas do que com alfabetização do povo brasileiro (SOARES; GALVÃO, 2004). O supletivo só será regulamentado quarenta e um anos mais tarde com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) de 1971, em pleno regime militar. Apesar da regulamentação da LDB/71 as características e princípios do ensino supletivo só serão explicados no parecer do Conselho Federal de Educação no ano de 1972 (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

Na década de 40 houve a criação do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP) e do Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas (INEP).

No ano de 1947, o Ministério da Educação e Cultura promoveu a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) que tinha como objetivo de alfabetizar aprofundando o trabalho educativo.

Nos anos 50, foi realizada a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA). Foi extinta em 1963 por dificuldades financeiras.

Em 1958 foi realizado o segundo Congresso Nacional de Educação de Adultos. Tinha como objetivo avaliar as ações realizadas e propor soluções. Foram feitas várias críticas aos prédios escolares, ao material inadequado e a qualificação dos professores. A

² Período da República Velha de 1889-1930

³ Supletivo: modalidade de ensino criada com o objetivo de suprir ciclos não concluídos por jovens ou adultos durante a idade considerada ideal

delegação da qual Paulo Freire fazia parte propôs uma educação que fosse feita na base do diálogo onde se pudesse levar em consideração as características socioculturais das classes populares, estimulando a participação consciente na realidade social.

Na década de 60 foi criado o Movimento de Educação de Bases (MEB), como resultado de uma parceria entre o Estado e a Sociedade Civil e a Igreja. O MEB foi o resultado das discussões e das ações promovidas por setores progressistas da Igreja Católica. Esse movimento baseava-se na ideia da participação popular e contou com o apoio financeiro do Estado, abrindo espaço para uma superação da visão tradicional sobre educação de adultos. Porém, o regime militar alegando, falta de recursos acabou com o Movimento, no ano de 1966.

Na década de 70, em pleno regime militar, foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (o MOBRAL) que tinha como objetivo acabar com o analfabetismo em dez anos. O programa não alcançou sua meta e passou por várias modificações.

Em 1971 foram criados centros de ensino supletivo em todo país com a proposta de ser o modelo de educação do futuro. Estes centros tinham como objetivo escolarizar um grande número de pessoas, com baixo custo, satisfazendo as exigências de um mercado de trabalho cada vez mais competitivo, exigindo, portanto, níveis de escolaridade mais altos. Como a frequência não era obrigatória, acreditamos que isso provocou um alto índice de evasão escolar.

Na década de 80, com o fim da ditadura militar e o reinício do processo de redemocratização, houve transformações importantes no âmbito educacional do país. O MOBRAL foi extinto, em 1985, sendo substituído pelo EDUCAR. A nova Constituição de 1988 trouxe grandes avanços para a EJA.

Apesar de toda essa esperança criada pelo novo processo democrático, O EJA enfrentou retrocessos nos anos 90, no Governo Collor, como por exemplo, o repasse das responsabilidades para os estados e municípios em função do enxugamento da máquina administrativa federal e a extinção da fundação EDUCAR.

No ano de 2003, no governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva, foi criada Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo que tinha como meta erradicar

o analfabetismo durante o primeiro mandato do Presidente Lula. Para cumprir tal meta foi lançado o Programa Brasil Alfabetizado. Esse programa pautou como ações: a alfabetização de jovens e adultos e a formação de alfabetizadores e, também, a orientação para o alfabetizador de construir um diagnóstico da turma, antes de iniciar suas atividades de alfabetização. Através desse programa já se fez muito pela educação de jovens e adultos, porém, ainda há muito que se fazer, pois, o objetivo de erradicação do analfabetismo não foi atingido.

1.2 A EJA do ponto de vista da LDB 9394/96

Os Artigos 37 e 38 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional aborda a modalidade de ensino: Educação de Jovens e Adultos.

A Lei contempla que o adolescente ou adulto terá todas as oportunidades dentro da escola para que seus estudos possam ser continuados, sem que pra isso eles precisem deixar seu trabalho. Muitos (as) são jovens e/ou adultos que precisam se sustentar ou sustentar uma família. Essa modalidade de ensino pretende dá nova oportunidade para aquelas pessoas que por algum motivo não puderam concluir seus estudos na faixa etária considerada “ideal”. A EJA é uma forma de inclusão de parcela da sociedade: o não alfabetizado.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do aluno, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (LDB, 1996, art. 37).

Esta modalidade de ensino contempla a conclusão do ensino médio, mas, ultrapassam as expectativas e, estas, são múltiplas: concluir o ensino médio, arranjar um emprego, e, também, seguir um curso universitário e construir novas oportunidades para sua vida. Ainda que a LDB no seu artigo 37 parágrafo terceiro indique a preferência pela profissionalização: “§3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se,

preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento” (BRASIL. Lei nº 11.741, de 16 de julho), verificamos, com regularidade, o crescente o número de alunos, que, independente da idade, desejam continuar seus estudos, ir além de simplesmente terminar o ensino médio e garantir um emprego.

Até pouco tempo a EJA não era considerada como uma forma de ensino qualificado para seguir adiante em busca de um curso universitário, porque muitos achavam que essa modalidade de ensino era somente para pessoas consideradas “velhas”. Porém, essa forma de ensino ganhou força e, cada vez mais pessoas, são incentivadas a terminar seus estudos. E, neste processo, são poucos alunos que querem somente terminar o ensino médio e parar. Mesmo aqueles que afirmam não querer continuar estudando, no transcurso do curso, são motivados por outros e acabam querendo mudar sua realidade.

As oportunidades para estudo na EJA são ofertadas, na maioria, no turno noturno como forma de oferecer um horário disponível, onde o aluno possa trabalhar no período diurno e concluir seus estudos no período da noite de forma gratuita. Para se matricular nessa modalidade de ensino o aluno precisa ter uma idade mínima para estudar no ensino fundamental que é de quinze anos, e, para o ensino médio, a idade mínima com a qual ele pode se matricula é de dezoito anos.

Art. 38: Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do aluno, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. § 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão: I – no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos; II – no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos (LDB, 1996, art. 38).

A educação de jovens e adultos no Estado da Paraíba fundamenta-se na LDB 9394/96 e é regulamentada pela Resolução 229/2002 e no Parecer nº 247/2002 do Conselho Estadual de Educação.

1.3 Principais dificuldades encontradas no ensino da EJA

O aluno da EJA encontra, desde a decisão até a concretização da matrícula escolar, uma série de problemas que estão associadas a fatores psicológicas e sociais, o que faz com que eles tenham diversas sensações como medo, vergonha, insegurança, incerteza. Tudo isso se deve ao fato de que muitos consideram essa modalidade de ensino diferente ou menos qualificada que as outras. Na verdade o preconceito e a própria ignorância das pessoas, desencorajam aqueles que até tem vontade, porém, devido a esses motivos desistem mesmo antes de começar. Associado a isso o medo de fracassar ou a forma como podem ser recebidas contam muito na hora de voltar a estudar. Claro que isso é válido principalmente para aquelas pessoas que já faz muito tempo que saíram da escola.

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego (GADOTTI, 2008, p.31).

Após ter ingressado no sistema de ensino, o aluno da EJA começa a se deparar com outros problemas como, por exemplo, o despreparo de alguns profissionais e a grande quantidade de conteúdos e disciplinas no ensino médio.

É preciso que os professores estejam realmente preparados para dar assistência a esse pessoal, pois eles estão distante daquilo que representa a nova realidade que estar sendo colocada para eles.

Muitas vezes a escola se apresenta aos alunos como um pesado elefante. A primeira impressão deixada para o estudante é de alguma coisa impossível de ser ultrapassada. Poucos terão a alegria e certeza de poder enfrentar esse peso, mais próximo do desgosto do que felicidade! (WERNECK, 1999, p.23)

Outro fator que indicam empecilhos na vida estudantil desses jovens e adultos é o cansaço devido ao extenso horário de trabalho ou ainda as próprias atividades que são

desenvolvidas no trabalho. Porém, é perceptiva a força de vontade em querer a conclusão e enfim buscar condições melhores para a sua vida através do estudo.

Além disso, pode ser considerado como dificuldade para aqueles que querem novas oportunidades, usando para isso a EJA, como o limite importo, pelo fato do governo tratar o ensino da EJA como uma política pública isolada e de caráter meramente alfabetizador. Acredito que as pessoas que procuram uma escola da EJA, não a procuram apenas para aprender a ler e escrever. Muitos já possuem as séries iniciais e procuram a EJA com a finalidade de concluir o ensino para ter ascensão no emprego ou para se formar e se preparar para seguir seus estudos em uma universidade. Portanto, o governo deve procurar implantar políticas públicas que visem integrar os sistemas de alfabetização e a continuação dos estudos de forma qualificada com um currículo bem definido e desenvolver um plano de ações que possa preparar melhor os profissionais da educação para lidar com esse público.

Mesmo reconhecendo a disposição do governo em estabelecer uma política ampla para EJA, especialistas apontam a desarticulação entre as ações de alfabetização e de EJA, questionando o tempo destinado à alfabetização e a questão da formação do educador. A prioridade concedida ao programa recoloca a educação de jovens e adultos no debate da agenda das políticas públicas, reafirmando, portanto, o direito constitucional ao ensino fundamental, independente da idade. Todavia, o direito a educação não se reduz a alfabetização. A experiência acumulada pela história da EJA nos permite reafirmar que intervenções breves e pontuais não garantem um domínio suficiente da leitura e da escrita. Além da necessária continuidade no ensino básico, é preciso articular as políticas de EJA a outras políticas. Afinal, o mito que a alfabetização por si só promove o desenvolvimento social e pessoal há muito foi desfeito. Isolado, o processo de alfabetização não gera emprego, renda e saúde. (VIEIRA, 2004, p. 85-86)

Como existem programas federais que expandiram a entrada de alunos no ensino superior, a exemplo o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) e o Programa Universidade para Todos (PROUNI), se essas políticas forem bem planejadas irão possibilitar também a muitos alunos da EJA a conclusão de um curso de nível superior.

CAPÍTULO II

2. AS NARRATIVAS DE ALUNOS, EX-ALUNOS E PROFISSIONAIS DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO JOSÉ BAPTISTA DE MELLO

Este capítulo será construído, prioritariamente, com os relatos de experiências (histórias de vida) de alunos e profissionais da EJA: percepções, sentimentos, projetos, sonhos.

2.1. Aluna Maria Josinete Lopes: concluinte da 3ª série do ensino médio da EJA da Escola José Baptista.

Quero Contar-lhes um pouco da minha história de vida e o porquê deixei de estudar, só retornando quinze anos depois.

Sou Maria Josinete Lopes, nasci na cidade de Lagoa Nova, estado do Rio Grande do Norte, no dia 27 de janeiro de 1975. Tive uma infância muito difícil, de família humilde, de agricultores. Todos os dias éramos levados pelos nossos pais para ajudá-los na roça. E dois dias da semana íamos para o olho d'água lavar roupas de algumas pessoas que minha mãe se prontificava a lavar e passar, e, nós todas, pequeninas, acompanhávamos e ajudávamos nossa mãe no que ela estava fazendo sempre.

Meus pais tiveram dezessete filhos ao todo, mas só sobreviveram treze, desde muito pequenas tivemos que ajudar nossa mãe nos serviços domésticos e nos da agricultura. Minha vida nunca foi fácil, com cinco anos de idade nossa mãe já nos levava para onde ela ia. Lembro-me que ela nos acordava muito cedo, ainda escuro, quando estávamos saindo de casa de 4h da manhã; porque senão não encontraríamos lugar para lavar as roupas de tão lotado que era o lugar. Vinha gente de toda a redondeza lavar roupas neste local. Quando não estava lavando roupas com minha mãe, estávamos colhendo feijão, fava, caju ou pinha, sempre trabalhando sem ter nenhum tempo para brincar ou curtir nossa infância. Nunca soube o que seria isso, muitas vezes sonhava em ter uma boneca, mas minha mãe

nunca teve condições de me dar uma de presente. Por menorzinha que fosse. Geralmente nas nossas horas vagas, coisa raríssima, pegávamos um sabugo de milho ou um pedaço de madeira e enfeitávamos como se fosse uma boneca. Para podermos brincar.

Quando completei seis anos minha mãe me matriculou na escola. Foi o dia mais feliz da minha vida; eu iria ganhar caderno e lápis, foi uma experiência maravilhosa, sentir o cheiro daquele caderno foi maravilhoso, lembro-me que ficava cheirando o caderno por horas, e a dó de escrever nele! Sempre tive o maior cuidado para não ficar feio, eu caprichava na caligrafia e ficava muito chateada comigo mesma quando errava que tinha que apagar.

No ano seguinte minha mãe me matriculou novamente, eu adorava ir à escola e sempre procurava deixar meu material muito organizado. Um belo dia minha mãe chegou para mim e comunicou que no dia seguinte eu iria para Natal, morar com uma das minhas irmãs mais velha, para cuidar de sua filha recém-nascida, sem nenhuma experiência com crianças; não fazia a menor ideia de como iria fazer aquilo. Me chateie muito e até chorei, porque não iria mais estudar, mas, não teve argumento. No outro dia bem cedo estava eu a caminho de Natal, sem nenhuma experiência. Graças a Deus tudo deu certo. Aprendi rápido e cada vez mais ir tomando jeito com as crianças; foi uma experiência muito difícil, mas superei e consegui. Dessa forma fui crescendo e me tornando uma mocinha e sempre que um bebê das minhas irmãs nascia estava eu lá cuidando deles. Por que minha mãe estava sempre me jogando de um lado para o outro.

Os estudos na minha vida nunca foi prioridade, estudava alternadamente, um ano sim o outro não e assim fui levando. Nunca soube o que era ter um tempo para mim e me juntar com as outras crianças da minha idade para brincarmos. Minha vida inteira foi trabalhar na casa dos meus pais sempre ajudando minha mãe no que ela estivesse fazendo e nas casas das minhas irmãs cuidando da casa e dos bebês delas, sem nenhuma remuneração. Quando as crianças das minhas irmãs já estavam grandinhas, elas as colocavam nas creches e eu voltava para a casa dos meus pais, para novamente trabalhar na roça.

Geralmente quando chegava em casa era bem no período do caju. Esse era o pior serviço que eu achava. Levantávamos o dia ainda escuro, que não enxergávamos nada a

nossa frente, para começar a colher o caju. Por dia tirávamos de 50 a 60 caixas de caju, fora os estragados que eram muito mais e pior ainda para tirar da castanha (descastanhar). As castanhas chegavam a dar 40 sacas de 60 quilos, essa brincadeira durava a semana inteira. Nossa!!! Chegava a noite, eu achava que não iria acordar no dia seguinte de tão cansada que estava. E muitas vezes quando nossa mãe nos acordava, que a gente demorava, era um período de horror. Esse foi o pior serviço de toda a minha vida, sem contar que éramos crianças, mas, infelizmente, somos obrigados a trabalhar feito gente grande, para ajudar nossos pais. Nesse tempo não era proibido criança trabalhar, não existia conselho tutelar e muito menos era proibido criança trabalhar.

Quando completei treze anos minha mãe me mandou morar com uma das minhas irmãs, foi o pior período da minha vida, o motivo, não gostava dela, pois era muito autoritária, muito mandona e o pior de tudo era casada, com um homem que só vivia bêbado. Ela tinha na feira da cidade uma banca onde vendia comida e bebida nos sábados. Ela me acordava às três horas da manhã para ir deixar um carro de mão gigante, feito de madeira, cheio de panelas com comidas, mas, o pior não era isso era ter que voltar no final da feira empurrando o carro cheio de panelas sujas de terna e gorduras e ficar até altas horas da noite lavando todas as panelas e louças.

Por muitas vezes pensei em sumir para acabar com todo aquele sofrimento que eu tinha certeza que não merecia está passando; o que mais me revoltava é que ela (minha irmã) chegava em casa de táxi, muitas vezes ia tomar seu banho e deitar-se e não me ajudava a lavar nem uma colher, sem contar que eu passava o dia com ela ajudando a vender na feira. E o melhor vem agora! Eu ainda tinha que andar dois quarteirões com o carro de mão cheio de tambores para pegar água para lavar as louças, porque onde ela morava não tinha água encanada e tinha que ir buscar na casa de uma amiga dela.

Enquanto eu morei com ela, nesse período eu não estudava, porque tinha de cuidar das filhas dela, da casa e na feira dia de sábado. Ela simplesmente me explorava de segunda a segunda. Um dia minha mãe veio nos visitar e eu implorei que ela me levasse de volta para casa. Ela dizia que não podia fazer aquilo porque minha irmã precisava muito de mim para ajudar na casa e com as duas filhas pequenas. Eu chorava desesperadamente,

pedindo que minha mãe me levasse de volta, mas não tinha jeito, ela simplesmente me ignorava.

Ainda passei três anos nesse sofrimento, sem nunca ter sido remunerada e muito menos ter recebido um “obrigado” que seja como forma de agradecimento. O dia que soube que iria embora de volta para a casa da minha mãe, foi o dia mais feliz da minha vida; nem dormi naquela noite de tão excitada e feliz que fiquei; nunca mais iria pagar mico de sair pelas ruas da cidade empurrando um carro de mão de madeira horroroso, cheio de panelas sujas, eu tinha muita vergonha daquilo. Só eu e Deus sabíamos como era difícil para eu fazer tudo aquilo.

Ao chegar na casa da minha mãe de volta aos serviços da roça. Para mim era muito melhor do que está na cidade pagando o maior mico de empurrar aquele carro horroroso. Passando-se uns meses que estava na casa de minha mãe, ela me mandou morar com outra irmã, na cidade, mais uma vez foi um show da minha parte, porque não queria de jeito nenhum ir morar com ela e mais uma vez minha mãe me obrigou a ir. E lá foi eu embora de novo, minha irmã tinha uma filha recém-nascida e trabalhava fora, era viúva e sozinha. Com ela foi tudo muito diferente, me colocou para estudar, me dava tudo que precisava, principalmente, carinho e atenção e muitos mimos. Me tratava como uma filha, diferente da minha irmã anterior que só me explorava e não permitia que eu estudasse.

Com ela morei quatro anos, foi o melhor período da minha vida. Foi onde aprendi a ser feliz e onde comecei a ter meus primeiros namoradinhos. Dois anos depois que estava morando com ela arranjei meu primeiro emprego no restaurante do aeroporto da cidade. Trabalhava durante o dia e estudava durante a noite. Eu me sentia a melhor pessoa do mundo, fazia com que tudo fosse diferente de tudo que já tinha vivido, tentava de toda forma esquecer o sofrimento pelo qual já tinha passado.

Foi no meu novo emprego que conheci muita gente bacana que me ajudaram a ser a pessoa que sou hoje; pessoas que me ensinaram coisas boas; me fizeram enxergar como é bom viver. Com isso soube conciliar o trabalho e os estudos muito bem, sempre recebendo o apoio dos colegas de trabalho.

No ano de 1996, me casei e finalmente tive meu cantinho do meu jeito, com a minha cara, no início foi um pouco difícil, pois continuei trabalhando durante o dia e

estudava durante a noite. E duas semanas depois de casada meu marido começou a trabalhar a noite e durante alguns meses, passamos a nos ver no final de semana; nos comunicávamos através de bilhetinhos que deixávamos um para o outro. Um ano e meio tive que largar os estudos, pois os meus horários de trabalho não coincidia com os horários do colégio, tive que parar de estudar por um tempo.

No ano de 1998 consegui voltar a estudar novamente e me esforçava ao máximo para ser uma boa estudante. E nesse mesmo ano fiquei grávida, fiquei muito feliz em saber que seria mãe. Quando meu filho nasceu tive que deixar de estudar mais uma vez e também tive de deixar de trabalhar no ano de 2000. Foi muito difícil mas consegui superar essa situação, pois não conseguia ninguém para cuidar do meu filho. O que mais me doía é que sempre ajudei todo mundo e quando eu precisei de alguém não apareceu ninguém para me ajudar. Sempre fui uma pessoa sozinha, não contava com ninguém, muito menos com a minha mãe.

No ano de 2001, me separei do meu marido e fui morar na casa da minha irmã. Meu filho estava com um ano e seis meses. Hoje ele está com quinze anos e nunca precisei de nada do pai para criá-lo. Sempre batalhei muito para dar-lhe tudo que nunca tive. Sempre incentivando muito para que ele estude e ter um lindo futuro pela frente. Procurei nunca deixar lhe faltar nada, dando lhe o melhor e mostrando lhe o caminho do bem, para que no futuro ele tenha uma vida mais digna do que a que a mãe dele teve. Hoje ele é tudo na minha vida, meu tesouro mais precioso, meu grande companheiro. Somos dois em um, ele é o meu tudo e eu sou o tudo da vida dele.

Logo que me separei do meu ex-marido conheci um homem maravilhoso que mudou a minha vida e me mostrou praticamente o Brasil inteiro, devido o mesmo trabalhar fazendo eventos nas principais capitais do Brasil. Nunca mais pensei em voltar a estudar. Estava sempre viajando conhecendo pessoas, culturas, gente famosa, políticos bem conceituados e muita gente bacana e maravilhosa. Fiquei nessa vida treze anos e foi a melhor fase da minha vida.

Com o fim desse relacionamento, outras portas começaram a se abrir, graças à insistência da minha irmã (Katiúcia) em eu vim morar em João Pessoa com ela. Voltei a estudar depois de quinze anos, confesso que tive muito medo e insegurança quando a

mesma me informou que tinha me matriculado na escola que ela trabalha a EEEFM José Baptista de Mello. O EJA (Educação para Jovens e adultos). Quase entro em pânico, pois, não me achava com capacidade para voltar a estudar, depois de tanto tempo longe da escola.

Um dos meus maiores medos era de decepcionar a minha irmã (Katiúcia). Ela acreditava tanto no meu potencial, que automaticamente me cobrava muito. Graças a Deus consegui fazer o 2º e 3º ano do ensino médio e me surpreendi com os resultados. Confesso que fiquei muito feliz e empolgada no final de tudo. Geralmente são as irmãs mais velhas que aconselham as mais novas a estudarem, no meu caso foi o contrário, minha irmã mais nova do que eu quase dez anos me dando a maior força para voltar a estudar.

Hoje eu sei o quanto os estudos me fizeram falta, mas minha irmã (Katiúcia) sempre me falou que nunca é tarde para aprender, quando há interesse da nossa parte. Só tenho a agradecer por tudo que ela fez e continua fazendo por mim, pois se não fosse o incentivo e a insistência dela não teria a menor chance de estar onde estou hoje, o meu interesse pelos estudos era zero. O grande motivo pelo qual não me interessava em estudar era vergonha, isso mesmo, vergonha, por já está com uma idade bem avançada e porque na sala só teria jovens, bem mais novos do que eu.

A minha maior certeza era que seria muito difícil me adaptar na sala de aula rodeada de jovens adolescentes. Seria uma situação muito desconfortável. Mas ao contrário do que pensei, sendo eu a mais velha (mais velha não, a mais experiente) da turma fui muito bem acolhida, pelos mais jovens e muitas vezes eles vinham tirar dúvidas comigo. Enquanto aprendia, tinha o maior prazer em repassar o que tinha aprendido na sala de aula.

Essa foi uma das minhas grandes vitórias e conquistas. Comecei achando que não sabia de nada e que passaria a maior vergonha na frente dos colegas e, no entanto, me surpreendi com o resultado final. Por algumas vezes fui surpreendida pelos professores me falando que eu era o assunto deles no horário do intervalo, dizendo o quanto eu era inteligente e o quanto tempo eu perdi sem correr atrás de um sonho, de novos conhecimentos, mas, hoje sei que preciso fazer isso. E foi ela (Katiúcia) que me mostrou esse novo mundo. Mundo esse que tinha deixado para trás e que achava que ele não me pertencia, sempre dizendo que não iria conseguir nunca. Sempre me achando incapaz de

vencer qualquer obstáculo que surgisse. Hoje o modo de pensar mudou, consigo ver de outra forma as dificuldades que aparece e sou capaz de vencê-las.

Ao contrário de mim, minha irmã, sempre acreditou muito no meu potencial e estava e está sempre me dando a maior força e mostrando-me o quanto sou capaz e inteligente, para vencer qualquer dificuldade.

Realmente ela estava certa, sempre graças aos ótimos professores que tive o prazer de conviver com eles, obtive um ótimo resultado no desempenho escolar. Só tenho a agradecer a cada um deles pela paciência, companheirismo, dedicação e carinho que tiveram comigo, sempre me incentivando para nunca desistir e seguir em frente sem medo. Pois eu tenho potencial e eles enxergaram isso, coisa que eu não conseguia de forma nenhuma enxergar. Acho que por medo ou insegurança.

Não queria de forma alguma fazer a prova do ENEM, e mais uma vez minha irmã (Katiúcia) tomou a iniciativa e me inscreveu, confesso que estou tremendo na base, já pensando no resultado e, desta vez, estou mais insegura do que nunca, pois vai cair assunto que nunca vi na vida que dependendo do resultado irei ficar muito decepcionada.

Hoje estou fazendo cursinho preparatório para o ENEM na UFPB, mais uma iniciativa da minha irmã (Katiúcia), que fez minha matrícula. Confesso que a primeira semana foi horrível, deu vontade de sair de lá correndo, me senti uma extraterrestre na sala, ninguém fala comigo, foi uma semana que durou um ano, quando surgiram as dúvidas e procurava alguém para me ajudar todos faziam de conta que não tinham nem ouvidos.

Quando chegava na sala de aula que dava boa tarde, ninguém me respondia; dei o primeiro dia, dei o segundo dia, dei o terceiro dia e nada, no quarto dia já não dei mais, entrava, sentava e não olhava na cara de ninguém e assim fui analisando cada um. E comecei a ignorá-los, mas, o meu pânico, continuava ali dentro de mim, me querendo fazer sumir daquela sala, onde só tem gente hipócrita e egoísta.

Passei por grandes dificuldades até chegar onde estou hoje, mas garanto que valeu cada uma delas. Com elas aprendi que sou capaz e consigo superar qualquer obstáculo que surgir, pois tenho uma grande amiga ao meu lado que não me deixa desistir nunca, está sempre me mostrando as coisas boas que só estudando conseguiremos realizá-las.

Com sua determinação força garra e coragem garanto que irei conseguir vencer na vida e futuramente ter algum curso superior. Esse é seu maior sonho e vou me dedicar muito para lhe dar esse presente, porque só ela acredita no meu potencial. Se dependesse só de mim garanto que nada disso seria possível. Mas, em se tratando da minha irmã (Katiúcia)!!! Ela parece que é movida a estudo e contamina a todos que estar o seu lado. Dessa forma conseguirei colher alguma coisa boa no futuro.

Cada dia ela me surpreende, mostrando-me que sou capaz de superar as adversidades que surgirão no meio do caminho. Irei vencer os meus medos, anseios e tudo isso graças a ela garanto que a minha vitória será a dela também.

Atualmente vejo quanto estudar é importante para o desenvolvimento intelectual, social e profissional. Não apenas para ter uma profissão e conseguir um emprego. Quanto mais conhecimento a gente adquire, mais preparados estamos para viver em sociedade e enfrentar os desafios que surgem ao longo da vida.

Hoje vejo quanto é importante estudar para adquirir sempre conhecimentos, e não nos tornarmos pessoas ignorantes, sem cultura. O modo de pensar, de agir e até mesmo de trabalhar é engrandecido através dos estudos.

“Na narrativa da aluna citada acima percebemos muita emoção em contar-nos o sofrimento da sua infância e as situações ora impostas que lhe fizeram amadurecer mais cedo, porém um amadurecimento que lhe roubou infância, pois, lhe tirou a chance de ser uma criança feliz. Mesmo sendo obrigada a trabalhar desde criança na casa de seus pais nos afazeres domésticos, se viu obrigada a ajudar as irmãs mais velhas a criarem seus filhos e com isso teve de abandonar os estudos. Passado o tempo ela encontra a chance de buscar a felicidade fora de casa. E como ela mesma contou a vontade de estudar era grande, porém, mais uma vez o estudo deixou de ser prioridade dando lugar ao trabalho. Contudo a vinda para a Cidade de João Pessoa e o convívio com uma das suas irmãs mais novas a fizeram cumprir sua meta inicial: concluir o ensino médio. E espero, realmente, que eu assim como os outros professores e toda a escola possamos ter contribuído para que isso acontecesse”.

2.2. Narrativa de Ana Maria Gomes de Oliveira, ex-aluna da EJA, atualmente bolsista do PIBID pelo IFPB, estagiária na EEEFM José Baptista de Mello.

Parei de estudar na 7ª série, oitavo ano hoje; parei para poder trabalhar e ajudar nas despesas de casa. Nessa época estava com 17 anos e já trabalhava desde os 14. Aos 20 anos me casei, não demorei muito e tive dois filhos: um menino aos 21 anos e uma menina quando estava com 23 anos. Daí eu passei a investir todo meu tempo na educação e cuidados deles, como também nas atividades domésticas. Aos 40 anos perdi um emprego onde já estava há 4 anos, comecei a me sentir um “nada”, inútil, sem ter de onde tirar recursos, entrei em depressão, não dormia, não comia, passava todo o tempo pensando como morrer. Depois de várias consultas a médicos, os psiquiatras me receitaram alguns remédios (tarja preta) que só pioraram meu quadro depressivo. Foi quando minha família “acordou” para minha situação e começaram a me incentivar a voltar a estudar, praticamente me matricularam, chegaram ao ponto de ir me levar e buscar na escola. Voltei a estudar numa escola municipal, depois de 24 anos. Era o ciclo IV, fazia-se a 7ª e 8ª séries juntas. Eu me sentia como um peixe fora d’água. Acho que a diferença de idade com os demais me deixava constrangida, ainda hoje acho que deveria ter turmas só para maiores de 30 anos e outras de 18 – 29 anos. Lutei muito para “sobreviver” a alguns. Estudei e consegui ser a melhor aluna em notas nas disciplinas matemática e Língua Portuguesa e fui selecionada para fazer o ensino médio integrado ao técnico pelo PROEJA no IFPB. Lá passei a me sentir melhor, parecia que agora estava colhendo os frutos de meus esforços, mas uma coisa que nunca entendi e, ainda hoje não aceito, é perceber que alguns gestores/docentes, confundiam metodologia diferenciada com achar que os educandos da EJA não são capazes de aprender determinado conteúdo, como qualquer outro. Mas, isso é só o que acho! No PROEJA fui muito ajudada e incentivada nos estudos, e, em 2010, ainda aluna do PROEJA, decidir na prática ver como funcionava o ENEM, para minha surpresa passei para Licenciatura em Química, depois para Pedagogia e o PROUNI me chamou com bolsa integral para Serviço Social. Optei por Licenciatura em Química. É um curso difícil, mas já estou no 5º período, paguei às 400 horas de estágio obrigatório na EJA, onde aprendi muito, sou bolsista do PIBID, e participei 1 ano como monitora no ensino de

Química dos alunos do ETIM (Ensino Técnico Integrado ao Médio do IFPB). Olhando para trás, percebo o quanto tem valido a pena tudo o que passei e tenho passado; cada dia tem sido uma conquista diferente, uma superação; nem eu sabia que tinha tanta força de vontade e posso afirmar que hoje aos 47 anos, voltar a estudar foi uma das melhores coisas que já fiz na vida. Espero que essa experiência ajude outras pessoas a perceberem que não há limites quando queremos alcançar nossos objetivos.

“A aluna Ana Maria não estudou nessa escola, porém estar conosco há quase dois anos; chegou no final de 2013. Ela veio como estagiária do Curso de Química, do Instituto Federal de Educação da Paraíba e se adaptou a realidade da escola. Hoje é bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) e junto com outros nove alunos formam o grupo de monitores que acompanham o meu trabalho, dando assistência, principalmente, na parte prática; graças à parceria firmada entre a nossa escola e o Instituto Federal de Educação da Paraíba. Ela também ministra oficinas de reciclagem e fabricação de produtos de higiene aos sábados no Projeto Escola Aberta da mesma escola. Por ter sido aluna da EJA ela compreende bem as dificuldades pelas quais passam os alunos dessa modalidade de ensino. Podemos perceber que o trabalho é uma das causas do abandono dos estudos. Com Ana Maria não foi diferente. Então veio de um casamento, em que os filhos e os afazeres domésticos lhe que tomaram praticamente todo o seu tempo, obrigando-a a desistir dos estudos na idade adequada para tal. No entanto, com muita persistência e devido ao ensino da EJA foi aberta uma janela para um novo recomeço nos estudos. Ela conseguiu se destacar nas suas notas e foi gratificada com uma vaga no Curso Superior de Química no Instituto Federal de Educação da Paraíba. E percebemos, pelo seu potencial, que ela irá muito longe. Veja que a volta aos estudos lhe ofereceu uma nova oportunidade e, inteligente e esperta, não deixou escapar dessa vez e parece que quer ir ainda mais longe. Então posso dizer que a EJA ofereceu uma nova possibilidade para que ela desenvolvesse suas potencialidades”.

2.3. Narrativa de Humberto B. Dantas - ex- aluno da EJA e atualmente estudante universitário

Sou Humberto B. Dantas, tenho 36 anos e vou falar um pouco de mim e de meus estudos. Aos 12 anos de idade, foi uma fase da minha vida um pouco complicada, pois foi quando meu pai deixou minha mãe e saiu de casa. Então para ajudar minha mãe, parei de estudar, fui trabalhar em uma padaria de um amigo de minha mãe, onde fiquei trabalhando até meus 18 anos. Foi quando resolvi voltar a estudar para completar o ensino fundamental.

Concluí o ensino fundamental através do programa telecurso 2000 onde só precisava ir lá fazer uma prova de cada matéria. Depois me aquietei novamente até 3 anos atrás quando fiquei sabendo do programa EJA.

Me escrevi no EJA da Escola Prof^o José Baptista de Mello, onde tive a oportunidade de ter professores muito bem capacitados e comprometidos com o ensino. E foi com a ajuda e incentivo dos professores Maxim, Danielle, Jadilson e Diógenes que me vi apto a fazer o ENEM. Não consegui atingir a média para fazer Ciências da Computação que era a área a qual eu quero seguir, mas, tive a oportunidade de fazer outro curso. Como não quis, eu me escrevi no PRONATEC e, atualmente, estou fazendo o curso de Redes de Computadores na área de Informática e estou muito feliz.

Agradeço a todos os professores do EJA e espero que este projeto formando mais alunos e que eles possam correr atrás dos seus sonhos, pois nunca é tarde demais.

Podemos perceber que o atraso nos estudos do aluno Humberto foi devido ao trabalho, contudo não foi o trabalho o principal vilão de sua história, mas sim a desestruturação familiar. A separação dos seus pais fez com que ele precisasse trabalhar para ajudar as despesas de casa e parasse de estudar, retardando seus estudos.

“Humberto foi nosso aluno durante três semestres, entre os anos de 2012 e 2013 cursando as três séries do ensino médio da EJA. Era muito aplicado nas aulas e estava sempre procurando os professores para adquirir informações que pudessem lhe ajudar no seu objetivo: entrar para o Curso de Ciência da Computação em uma universidade pública, através da prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Por causa dele e de alguns colegas da mesma turma nós formamos uma equipe de professores de reforço para o ENEM no segundo semestre de 2013. Acredito que isso ajudou, em parte, ele e outros a conquistar ainda que parcialmente, suas metas”.

2.4. Narrativa da Professora de Português da EJA, Danielle Campos A. Lima, da EEEFM José Baptista de Mello.

O trabalho com a modalidade EJA apresenta muitos desafios, mas, se trabalhado a partir de uma proposta pedagógica consistente, apresenta resultados surpreendentemente positivos.

Em três anos de experiência com essa modalidade pude perceber que o professor exerce, acima de tudo, um papel de militância, pois as necessidades dos alunos vão além do aprendizado dos componentes curriculares. Na EJA o professor se compromete principalmente com o trabalho de cidadania e reinserção na sociedade. Muitos dirão talvez que esse é um compromisso de qualquer modalidade de ensino, mas, o fato é que as necessidades de um aluno EJA são muito mais específicas, pois estamos falando de alunos que ora apresentam um histórico de dificuldades ao longo do seu processo ensino-aprendizagem, ora interromperam esse processo (e quase sempre por motivos pessoais difíceis). Assim, quanto mais específicas às necessidades, mais trabalhosa e desafiadora as estratégias pedagógicas devem ser.

O primeiro desafio que chamou minha atenção, ao longo desses três anos, é a heterogeneidade da sala de aula. Verdade é que essa é uma particularidade da escola em que trabalho, mas ainda assim se constitui uma dificuldade, pois temos que pensar em estratégias que supram a necessidade de todas as personalidades. São senhoras, donas de casa, que há muito pararam de estudar, trabalhadores que não concluíram os estudos e agora sentem a necessidade de fechar esse ciclo acadêmico; são adolescentes que por motivos vários não se encaixaram na modalidade Regular. Além dos diversos motivos, acrescentamos ainda as diversas realidades sociais, culturais e econômicas. É desafiador!

A problemática da heterogeneidade se torna pouco importante diante de um problema que é inerente a maioria das escolas da rede pública, mas que é sentida com mais força pela modalidade em questão: coordenação pedagógica. Sem planejamento, sem estratégias pedagógicas, sem um profissional que coordene o caminhar pedagógico da escola, dificulta sobremaneira o desenvolvimento do alunado. A escola pode até ter uma equipe de potencial, mas sem um coordenador, os professores trabalham em ilhas e sem uma unidade entre esses profissionais, o resultado é um plano desconexo e sem consistência.

Outra problemática que atrapalha o desenvolvimento do processo dessa modalidade é a falta de uma gestão forte e que realmente contribua para o ensino dos alunos. A partir da minha curta experiência em setores administrativos da educação, tive a triste constatação que a modalidade EJA tornou-se símbolo do ser “fácil”. Sim, a EJA é uma modalidade mais tranquila quando a comparamos a uma sala de ensino Regular com quarenta adolescente cheios de energia. Mas o “tranquilo” não quer dizer “fácil”, não quer dizer uma modalidade que não exige comprometimento, ao contrário! Deveria se ter mais compromisso ainda, pois somos nós professores que devemos levar essa energia para os alunos que quase sempre estão a passo de desistir dos estudos. É triste ver professores buscarem com todas as forças essa modalidade por que seria um “descanso”. Obviamente não me isento de erros, nem sempre consigo levar toda essa “energia” que um aluno de EJA precisa, mas tento, com o apoio de muitas pessoas, nadar contra a corrente. O educador da modalidade EJA tem que ter comprometimento e acima de tudo vontade de superação.

Seria fácil apontar aqui um vilão, ou um responsável por todos os fracassos dessa modalidade, mas a verdade é que a EJA reflete toda a crise que o sistema educacional nacional percorre. Quantos IDEB's - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - vergonhosos serão necessários para que se perceba que o nosso modelo atual não corresponde mais às necessidade dos nossos alunos? Enfrentamos problemas de toda ordem: currículos ultrapassados, a ausência de apoio governamental, falta de apoio pedagógico, falta de gestores competentes, profissionais desmotivados (afinal não é fácil um professor chegar ao fim do dia com a tal “energia” após dois turnos de aula). Enquanto a escola não for encarada como um organismo vivo, com suas múltiplas necessidades, continuaremos caminhando em círculos.

É preciso uma revisão curricular; que diretores sejam selecionados com critérios e valorizados, que se tenha uma coordenação pedagógica ciente das necessidades da comunidade escolar, que se tenham apoio de um psicólogo e de um assistente social, que seja valorizado o porteiro, a merendeira, os funcionários dos serviços gerais e, claro, os profissionais da educação. Nós professores precisamos muito mais que salários, precisamos principalmente de condições de trabalho. É preciso que os serviços da escola funcionem; que as pessoas que trabalhem na escola, desempenhem de fato seus trabalhos e

sejam coordenados. É impossível ter uma jornada de trabalho dupla ou tripla sem deixar a desejar o planejamento de aula e a qualidade de ensino.

Mas, caminhemos adiante, pois, quem acredita em uma educação transformadora e progressista deve lembrar-se da poetisa Cecília Meireles, quando diz: “A vida só é possível se reinventado”. Para mim, essa reinvenção só é possível através do compromisso com uma educação de qualidade.

“A Professora Danielle Campos expõe algumas das dificuldades encontrada na nossa escola, que acredito nas outras devam existir. A heterogeneidade das turmas que é um desafio trabalhar com pessoas de idades e realidades tão diferentes deve ser colocada como desafio. Porém esse não é considerado um problema mediante as outras questões, a exemplo da falta de coordenação pedagógica o que ajudaria muito o trabalho dos professores. Sem coordenação pedagógica, realmente, fica difícil de desenvolver um trabalho em grupo de forma sistemática e organizada e então professores se dispersam e ficam cada um trabalhando isoladamente, “em suas ilhas”, isso é fato. Quem perde é a educação; somos nós professores; são os nossos alunos. No entanto é preciso encarar todos esses problemas e levar em consideração o nosso profissionalismo. Mesmo não possuindo coordenação pedagógica a professora representa uma liderança no que tange a organização das atividades das turmas da EJA”.

2.5. Narrativa da Professora de Biologia da EJA, Alena Sousa, da EEEFM José Baptista de Mello.

O objetivo da modalidade EJA (Educação para Jovens e Adultos) é a inclusão de alunos que não tem tempo para estudar no período regular ou que se encontram fora da faixa etária para determinada série. Porém, o que tenho observado, apesar de lecionar a apenas dois anos nesta modalidade, é que alunos, ainda na faixa etária normal, têm optado pela modalidade como uma forma de “facilidade” em concluir o ensino médio a curto prazo, uma vez que o ano é concluído em um semestre.

Além do mais, o que preocupa é que por ser um programa que almeja a inclusão como princípio, deveria haver um currículo adaptado à modalidade para nortear os professores que atendem a esta clientela. Nós, professores, nos vemos na condição de adaptar a nossa disciplina a um currículo que nós julgamos adequado, em um curto período e, ainda, temos que conciliar o conteúdo com a formação cidadã do aluno.

Como educadora julgo que a modalidade deva continuar sendo ofertada para dar oportunidade aos alunos; que diante de toda sua condição social ainda persiste, com sacrifício, na escola, para ter uma melhor qualificação. Mas, sinto a necessidade em ter recomendações, normativas e uma formação mais adequada a oferecer uma educação de melhor qualidade para nossos alunos.

“A Professora Alena Sousa enfatiza o que a Professora Danielle Campos havia destacado anteriormente. A mudança urgente do currículo para a EJA. Como não existe um currículo próprio, nem material didático adequado, cada professor se apropria do seu componente curricular e adapta-o a realidade e as possibilidades do aluno. Cada um faz de sua maneira. Outra questão destacada pela professora é o fato do aluno ainda dentro da faixa etária considerada normal estar estudando na modalidade EJA. Segundo ela, por julgar esta forma de ensino mais fácil. Ainda de acordo com seu ponto de vista - eu concordo - a falta de um currículo adaptado a modalidade EJA consiste em uma grande dificuldade para o processo de ensino-aprendizagem do ensino médio da EJA”.

2.6. Narrativa da Professora de Geografia da EJA da EEEFM José Baptista de Mello Tania Magdala.

A EJA é uma educação voltada a jovens e adultos que não puderam concluir seus estudos na idade adequada e que por alguns motivos deixaram de estudar.

A EJA proporciona ao aluno a oportunidade de elevar a sua escolaridade por meio de mecanismos que podem ser utilizados nas diferentes relações cotidianas. Oferece ao jovem a oportunidade de concluir o ensino médio em um período de um ano e meio. Para isso tem que haver uma maior motivação para que estes jovens ingressem na EJA e conclua.

A EJA da Escola José Baptista de Mello é oferecido no turno da noite, com aulas ministradas, presencialmente, procurando motivar o aluno, através de variadas metodologias, aplicadas pelos professores para incentivarem os mesmos a permanecer na escola e terem um melhor aprendizado.

“A Professora Tania Magdala destaca a importância das metodologias utilizadas pelos professores para que seja desenvolvido um trabalho de motivação com os alunos o que possibilita a eles mudança de grau de escolaridade. Fala ainda do nosso sistema de ensino médio que funciona no horário da noite com aulas presenciais e que dura um ano e meio, três semestres”.

Conseguimos identificar nos relatos dos alunos as principais causas que motivaram a desistência aos estudos nas fases iniciais de suas vidas. Esses problemas estão associados a, principalmente, questões financeiras e problemas familiares. Percebemos que mesmo indiretamente a vontade de vencer na vida, através do estudo, é grande; e essa oportunidade foi concedida através do ensino da EJA. Já os professores em suas falas expressam uma vontade de reformulação do currículo da EJA e de políticas públicas que valorizem os profissionais da educação que trabalham com essa modalidade de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação de jovens e adultos tem se mostrado eficaz, como uma estratégia de formação de pessoas, fora da faixa etária considerada ideal, e está contribuindo para a realização do sonho de se estudar e se especializar profissionalmente e, principalmente, para àquelas pessoas que haviam perdido a esperança de uma nova chance. Através dessa nova oportunidade/metodologia, a EJA pode recolocar na sociedade pessoas mais experientes e assumir, tanto como compromisso como desafio: a formação de alunos/profissionais com uma mentalidade “apurada”, compromisso ético e conduta responsável; jovens e adultos cidadãos.

Mesmo considerando os diversos problemas que a vida apresenta para qualquer jovem ou adulto – e eles comentam isso no dia a dia da sala de aula com os seus professores – percebemos que muitos se esforçam para ir além do ensino médio: é, gente querendo mudar seu destino, mostrar suas potencialidades. Percebemos em muitos dos alunos do ensino médio da EJA a vontade de conquistar um futuro profissional diferente – “algo a mais”. Mesmo passando por diversas tribulações no decorrer de suas vidas eles querem mostrar que o ensino da EJA - ainda que indiretamente, pois muito se deve aos seus próprios esforços - ajuda a criar uma nova realidade para eles. Portanto espero que, brevemente, possamos ter modificações, para melhor, na estrutura da educação de jovens e adultos e que tais modificações possibilitem o desenvolvimento das potencialidades dessas pessoas que buscam na EJA recuperar o tempo perdido em seus estudos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 10ª ed. São Paulo. Paz e Terra. 2002.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 32ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

GUIDELLI, Rosângela Cristina. A prática pedagógica do professor do ensino básico de jovens e adultos: desacertos, tentativas, acertos.... Dissertação (Mestrado). UFSCar. São Carlos, 1996.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (orgs.). Educação de Jovens e Adultos: Teoria, Prática e Proposta. 10. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008;.

HADDAD (Coord.), Sérgio. Educação de jovens e adultos no Brasil (1986-1998). Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2002. p. 25-54. Série: Estado do Conhecimento.

KLINGL, Érika. País desconhece total de cursos. Correio Braziliense, 07.09.04, p. 12.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Referenciais para formação de professores. Brasília. A Secretaria, 1999.

OLIVEIRA, Inês Barbosa; PAIVA, Jane (orgs.). Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro. DP&A, 2004.

PAIVA, Vanilda Pereira. Educação popular e educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1973.

PINTO, Álvaro Vieira. Sete lições sobre educação de adultos. 11 Edição. São Paulo. Cortez, 2000.

SOARES, Leôncio. e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Uma história da alfabetização de adultos no Brasil. In: STEPHANOU, Maria, BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). Histórias e memórias da educação no Brasil (vol. III, século XX). Petrópolis: Vozes, 2005, p. 257-277.

PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO. <http://mec.gov.br/alfabetiza/default.htm>. Acesso em: 21 ago. 2004.

VIEIRA, Maria Clarisse. Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos – Volume I: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

[Portal.mec.gov.br/index.php](http://portal.mec.gov.br/index.php) Acesso em: 17 out. 2014

[http://www.fnde.gov.br/.../leis/.../EJA%20\(Educa%20de%20Jovens%20e%20](http://www.fnde.gov.br/.../leis/.../EJA%20(Educa%20de%20Jovens%20e%20) Acesso em 17 de ago. 2014

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20112014/.../Lei/L12695.htm Acesso em: 20 set. 2014

<http://www.cpt.com.br/ldb/da-educacao-de-jovens-e-adultos> Acesso em: 01 set. 2014

http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol2_historia.pdf Acesso em 01 set. 2014

<http://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=43543> Acesso em 18 set. 2014.

<http://paulofreirefae.blogspot.com.br/p/eja-no-brasil.html> > Acesso em 15 out. 2014

http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf Acesso em: 15 out. 2014.

<http://www.catedraunescoej.org/GT05/COM/COM019.pdf> Acesso em 15 out.2014.

ANEXO 01

Tabela de aquisição do livro didático apenas para o ensino fundamental da EJA PNLD EJA

O Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD EJA) é direcionado à aquisição e à distribuição de livros didáticos para os jovens e adultos das entidades parceiras do Programa Brasil Alfabetizado (PBA) e das redes de ensino da educação básica.

| Programa | Quantidades | | | Valores | | Critério de Atendimento |
|---------------|-------------|-----------|-----------|----------------|---------------|---|
| | Livros | Entidades | Alunos | Aquisição | Distribuição | |
| PNLD EJA 2013 | 4.692.543 | 27.008 | 1.487.953 | 52.416.461,11 | 9.696.992,76 | Alfabetização de Jovens e Adultos e EJA do Ensino Fundamental |
| PNLD EJA 2012 | 7.290.211 | 23.470 | 3.284.408 | 76.384.045,88 | 13.628.331,95 | Alfabetização de Jovens e Adultos e EJA do Ensino Fundamental |
| PNLD EJA 2011 | 14.109.028 | 35.103 | 5.041.394 | 140.605.140,89 | 25.131,478,95 | Alfabetização de Jovens e Adultos e EJA do Ensino Fundamental |

Podemos ver na tabela acima a aquisição de livros didáticos para os alunos do ensino fundamental da EJA. Não existe livro específico para os alunos do ensino médio.

Um dos grandes problemas enfrentados pelos professores do ensino médio da EJA é justamente a falta de material didático adequado à realidade desse alunado. Os livros utilizados são os mesmo do ensino médio regular, porém os alunos do ensino médio regular têm todo o ano para trabalhar aquele livro, enquanto ao aluno EJA tem apenas seis meses. Outra informação é que as aulas da EJA são de 40 minutos cada, enquanto as do ensino médio são 45 minutos. Outra diferença, os alunos do ensino regular do turno diurno têm seis aulas e os alunos da EJA só têm cinco aulas.

ANEXO 2

IMAGENS DA ESCOLA E DAS TURMAS - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Baptista de Mello



Nas sextas feiras os professores procuram desenvolver aulas diferenciadas com forma de motivar os alunos da EJA a não faltar neste dia. Na imagem a seguir a brincadeira é uma atividade conhecida como passa ou repassa (torta na cara) onde eram feitas perguntas sobre língua portuguesa e conhecimento sobre os profissionais da escola.



Alunos da EJA da EEEFM Prof. José Baptista de Mello participando de uma aula de eletroquímica



Alunos da EJA da EEEFM Prof. José Baptista de Mello participando de uma aula de Robótica

